

40 G.10 bo - 26, 10.60

A CRÔNICA de Rubem Braga

UM RETRATO DO P.C.B.

A PRIMEIRA vez que vi esse nome — Osvaldo Peralva — pensei que fôsse pseudônimo. E tenho a impressão de que foi assinando um artigo contra mim em alguma publicação comunista, que recebi através de uma agência de recortes. Lembro-me de que, embora naturalmente não concordando com o artigo, eu o achei bem escrito, e me perguntei qual dos meus “amigos” comunistas o teria feito. Isso porque sempre foi demonstração valiosa de disciplina partidária e firmeza ideológica entre os comunistas atacar de preferência amigos ou parentes...

Nada, o Peralva era Peralva mesmo, e subiu bastante dentro do Partido Comunista Brasileiro para fazer um longo curso na Rússia e ser membro do Kominform. Este livro — “O Retrato” — conta a história de suas decepções, que começaram na U.R.S.S. e se agravaram de maneira dramática diante das revelações anti-Stalin do XX Congresso do Partido Comunista Russo. Durante os debates que, em consequência, agitaram o P.C.B. Peralva pôde ter uma visão nítida de seu funcionamento e de seus chefes — e afastou-se definitivamente da organização a que dedicara os melhores anos de sua vida.

Seu livro não tem, entretanto, aquêles tom patético e vingativo das confissões de outros “renegados”; embora revele uma experiência dramática de 15 anos, é escrito com serenidade e espírito objetivo. Peralva não renuncia a seus ideais socialistas, nem nega as realizações do bolchevismo, e está convencido “de que presentemente reside no socialismo democrático a grande esperança dos que aspiram a um mundo melhor que o atual”. No que concerne ao Brasil, prega o “desenvolvimento econômico, sobretudo através da industrialização, como meio de liquidar o atraso e a miséria; conquista ou reafirmação da independência, como meio de impor respeito à sua personalidade nacional; e liberdades democráticas”.

Acha, ainda, que o Brasil deve manter relações diplomáticas, comerciais e culturais com todos os países do bloco comunista; “que deve ser tão amigo da U.R.S.S. como dos E.U.A., mas defendendo sempre, diante de um como de outro, a dignidade, a independência e os interesses econômicos da nação brasileira”.

Não se trata, portanto, de um “desperado” comunista que muda de campo; isto dá um valor maior a seu depoimento. Quem quer que se interesse pelo comunismo — contra, a favor, de veneta ou de esquelha — ganhará muito lendo esse livro cheio de revelações, algumas bastante melancólicas, outras pungentes. A pior delas, para o próprio autor, deve ter sido a descoberta disso que há mais de 20 anos me horroriza no comunismo brasileiro: a mediocridade fundamental de seus chefes, o enfatuamento, a suficiência das “autocríticas”, a mentira consciente ou inconsciente, a subversão mental. Isso me parece ainda mais grave que os casos de corrupção e carreirismo cínico, inevitáveis em uma organização desse tipo; e apenas um pouco menos melancólico do que a submissão de intelectuais e artistas a essas “palavras de ordem” que vão desde a senha para votar em qualquer aventureiro ou paspalhão até a repetição mecânica de “slogans” importados.

“O Retrato” é um livro muito triste — e de leitura estritamente necessária.

N. da R. — A propósito de uma crônica recente recebeu o nosso colaborador Sr. Rubem Braga o seguinte telegrama:

“A Diretoria da Cia. Vale do Rio Doce leu com o prazer que sempre oferecem suas crônicas a que foi publicada em O GLOBO do dia 19 do corrente, referindo-se ao discutido assunto da Hanna. Compreendemos que os conceitos emitidos pelo ilustre cronista foram motivados por artigo publicado no dia anterior na seção “Panorama Econômico” do mesmo jornal, e nos apressamos a vir comunicar-lhe que não existe qualquer verdade na notícia veiculada naquele artigo, conforme formal desmentido já publicado em vários jornais de hoje. Aproveitamos esta oportunidade para reiterar o convite feito a Vossa Senhoria para visitar as instalações da companhia, quer no porto de Vitória quer em Itabira, a fim de constatar o esforço e a eficiência com que a Companhia Vale do Rio Doce está solucionando problemas para sua expansão e preparando-se para o aumento gradual mas firme de suas exportações. Cordiais saudações. (a) Alencar Araripe — presidente em exercício”.

174